7.º DA 3.ª SERIE. N.º 31. 5 MAIO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 11.

EXPEDIENTE.

Numerosas queixas hão sido feitas por antigos assignantes d'esta Folha, que a não tinham continuado a receber desde n.º 25. A culpa só é d'esses senhores, pois tal interrupção cessará de ter logar desde que mandarem renovar as suas assignaturas ao Escriptorio da Redacção, 20, Horta Sêcca, ou a casa da viuva Henriques, 1, rua Augusta.

A Redacção só se-obriga a não alterar preços ou condições, para com os assignantes que hoje o-são, ou subscreverem até ao fim do proximo Maio, e isso mesmo durante o prazo porque assignar cada um d'esses senhores. Os novos subscriptores desde o 1.º de Junho, e os antigos (acabado que seja para cada um o prazo da sua assignatura) terão de sujeitar-se ás condições que necessarias forem, e á sua uniformidade.

Todo o assignante antigo, que cessou de o-ser por algum tempo, é hoje considerado como novo.

Poucas collecções completas restam do Jornal; em quanto não fôr necessario reimprimir algum numero, o seu preço será de 600 réis por Serie, porém mais tarde subirá, como justo fôr.

Aquelles de nossos Collaboradores, cujos artigos em nosso poder não têem visto ainda a luz pública, nos-desculparão benignamente, pois nos-temos visto obrigados a encher a Folha com materias de immediato interesse, unica razão de prioridade.

Á Lista dos Jornaes de *Lisboa* mencionados na 1.ª col. do n.º 30, junte-se o *Nacional* e o *Beja-Flôr*, que foram esquecidos, por ter a sua publicação começado depois de haver sido redigida aquella antiga lista.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 355.)

321 FRANÇA.

Procederei a fazer as mesmas operações com os caminhos da *França* que fiz com os de *Inglaterra*, para de todas, no fim, fazer comparação com os ténues vestigios que na materia podér achar em *Portugal*, e deduzir de tudo, como já disse, aquellas suggestões que mais convenientes me-parecem.

A área quadrada da *França* é de 211,736 milhas, e a sua raiz, despresando quebrados, 460 milhas. Dividindo as estradas reaes, que medem 22,500 milhas, por 460 milhas, temos 49 milhas; e repartidas estas por 460, teremos 0.10 ou $\frac{1}{10}$ de milha, ou 528 pés, ou 792 palmos, ou 79 braças. Tanta é a quota de estrada real que toca a cada milha quadrada. As mesmas reducções darão em estradas departamentaes (54;0.12) $\frac{1}{8}$ de milha de estrada a cada milha quadrada. E as vicinaes segundo o mesmo theor, darão o mesmo $\frac{1}{8}$ que deram as departamentaes. Pelas mesmas formulas arithmeticas, os canaes darão 1 centessimo de milha por cada milha quadrada, e as estradas de ferro 2 millessimos de milha por cada milha quadrada. Recopilando as tres especies de estradas, os canaes, e as estradas de ferro, a quota viavel total da *França* será (168;0.36) $\frac{9}{25}$ de milha por cada milha quadrada de terreno, e comparada com a da *Inglaterra* tem esta (36:1.69) quasi cinco vezes mais viação do que a *França*.

A população da *França* deve-se estimar em 34,500,000 almas para o tempo em que a maior parte destes dados foram colligidos, porque, posto que hoje seja maior, tambem as communicações têem progredido ainda mais do que ella, de maneira que não seria exacta a divisão a que vou proceder, fazendo-se pela actual, que passará de 35,000,000 almas. Adoptando esta restricção, tocam 1533 individuos a cada milha de estrada real; 1380 a cada milha de estrada departamental; dito, dito, vicinal; 14921 a cada milha de canal; e 88,010 a cada milha de ferro: termo medio geral 458. As porções que tocam a cada individuo vem a ser — de estrada real 0.0006 de milha, — de departamental 0.0007, — de vicinal 0.0007, — de canal 0.00007 — e de caminho de ferro 0.00001. — Somma total 0.00218 ou 11 pés. — A differença não sobresáe tanto aqui, entre a *Inglaterra* e a *França*, porque a população desta é menos densa do que a d'aquella nação. Se fôsse igual, apenas tocaria ametade desta viação a cada francez.

A acção pecuniaria que o feitio destas estradas póde ter sobre a industria do povo francez não se-póde apreciar, visto que o thesouro público é quem faz a despeza, e por tanto não ha rendimento visivel d'ellas para os particulares. Eu aqui só notarei que as rendas do thesouro foram, no tempo do Imperio, termo medio, de 850 milhões de francos por anno; e que desde que reina Luiz Filippe, que é quando se-tem

dado maior desenvolvimento ás communicações, têem andado termo medio, por 1113 milhões de francos, ou tem tido um augmento de 30 por cento, o qual, sem receio de errar, se-deve em parte attribuir ao melhoramento dessas communicações.

O costeio ordinario de estradas e canaes regúla de 6 a 8000 contos annualmente.

CUSTO DO TRANSPORTE.

Passageiros.

	Rs. por milha	Milhas por hora
Barcos de vapôr	20	$7\frac{1}{2}$
Diligencias	32	$6\frac{1}{4}$
Mala-posta	48	$8\frac{4}{10}$
Caminho de ferro	16	20

Fazendas.

	Rs. por arroba	por	Milha	Milhas por dia
Por agua	1	«	$3\frac{1}{2}$	$12\frac{1}{3}$
Recovagem ordinaria	1	«	$1\frac{1}{3}$	20
accelerada	1.4	«	1	50
Diligencias	4	«	1	$6\frac{1}{4}$ p. hora
Caminhos ferro	1	«	$1\frac{9}{10}$	$12\frac{1}{2}$ dito

Póde-se ter toda a confiança nesta tabella, porque acaba de ser feita por dois dos Engenheiros, *Sagey*, e *Morandiere*, mais preconisados, no *Corps Royal des Mines*, e *Corps Royal des Ponts et Chaussées*, 1842. O movimento praticado em *França*, por qualquer das vias de que tenho feito menção, não me-é conhecido. É preciso porém que eu resolva pelos factos a proposição que avancei sobre a democracia dos passageiros pelos caminhos de ferro em *França*, em opposição á aristocracia que elles affectam na *Inglaterra*.

Em Setembro de 1841, andaram nos caminhos de ferro proximos das suas respectivas capitaes.

Versailles r. d.	182,700	Viajantes
Dito r. g.	108,700	
Saint Germain.....	125,300	
Corbeil.....	98,500	
	515,200	
Blackwall	239,400	Viajantes
Greenwich.....	127,000	
North & Eastern.....	55,000	
Croydon.....	47,000	
	468,400	

A differença absoluta entre *Londres* e *París* já é de 10 por cento mais a favor desta, mas se se-considera que *Londres* tem dobrada população, e que sendo porto de mar deve ter um movimento igual pelo menos a um terço mais do que *París*, vem a vantagem dos caminhos de ferro desta, a ser de 300 por cento sobre os de *Londres*.

Esta disparidade a favor de *París* deriva-se dos preços francezes serem relativamente aos inglezes, termo medio geral, de 16 réis para 56 réis. (Vide as respectivas tabellas.)

Eu devia entrar em varios calculos mais sobre movimentos de população, e rendimento sobre estes caminhos, proporções, e outros termos, mas o espaço não m'o-permitte.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

O artigo que segue encerra verdades interessantissimas, cujo conhecimento importa igualmente a todos os paizes. Nós o-recebemos como um dos que muito honram este jornal, não só em sua propria substancia, mas ainda por ser obra d'um distincto escriptor; cuja reputação é já tão geral, e tão assentada no merecimento real de suas producções, que o seu nome nos-basta para nos-assegurar toda a acceitação, e respeito dos nossos leitores. E quando alguem nos-dissera, que mal nos-podem caber os exemplos das nações poderosas; ha com tudo ahi um pensamento geral, que a todas toca, e a nós nos-exhorta tanto, que sobrada fôra essa, se outra razão nos-faltára para darmos noticia do que passa lá por fóra. Larga, e sem fim é a estrada da civilisação: nem todos podem, é verdade, caminhar nella a passo cheio, e de gigante; mas todos devem seguir por ella seu caminho sem desvio, nem mudar de rumo. Eis o que nos-aconselha o Sr. Barão d'Eschwege no presente artigo.

CAMINHOS DE FERRO.

322 É verdade geralmente reconhecida — que a civilisação de qualquer paiz marcha sempre na razão directa do seu tracto, e communicação, — e que por consequencia são mais ou menos adiantadas as nações, onde ha maior ou menor facilidade em se-communicarem, e conviverem os homens: e mais atrazadas aquellas, onde inteiramente faltam estradas, caminhos, rios, e canaes navegaveis; e não só o-são no commercio, na industria, e em todo o tracto material; mas igualmente na vida scientifica, no commercio intellectual, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Nos paizes, onde já havia estes meios de communicação, e cuja civilisação muito avultava, tem ella arribado a tão alto ponto — com a introducção dos caminhos de ferro, que não podemos seguir os passos de seu rápido progresso: tem d'aqui nascido uma espantosa revolução em todos os negocios humanos, tanto materiaes como políticos, e intellectuaes. A Allemanha é a terra, que nos-dá a maior prova disto. Este paiz tão retalhado, e tão dividido, onde influiam n'outro tempo tantos interesses diversos, e encontrados, quantos eram os seus estados, é hoje uma grande familia bem unida. Bavaros, Austriacos, Prussianos, Hanoverianos, Hesseses já não se-olham como differentes estados, já não ha entre elles essas invejas, essas diversões de povos separados, e que não se-tratavam, nem se-viam; hoje são todos irmãos, todos formam um só corpo admiravelmente organisado, todos são allemães, e caminham em harmonia para o mesmo fim; para a grandeza e prosperidade nacional. Tão maravilhosa revolução no sentir, no pensar, e no trabalhar destes estados, quem a-produziu foi a introducção dos caminhos de ferro, e a liga das Alfandegas. Não diremos, que é esta a primeira epocha, senão a mais florecente das sciencias, das artes, e do commercio desta grande nação: já os inglezes, esses que costumam tratar de resto todas as outras nações, a-olham com inveja; e nesse olhar já se-lhes-conhece o receio futuro, e o sentimento presente de verem seus productos estagnados na Allemanha, e os desta irem-se exportando para os outros paizes. Com esta prova tão visivel, todos os estados allemães, ainda os mais tenazes em seus antigos habitos, têem cedido ao im-

pulso da civilisação. Já se não contentam com as suas bellas estradas á Mac-Adam: um caminho de ferro é o seu desejo; não como luxo, mas como necessidade, e prompto meio de maior civilisação: estes estados se-ligam, e se-combinam para levarem a effeito este grande projecto: dentro de poucos annos se-poderá atravessar toda a Allemanha desde os limites da Russia até aos da França, desde o mar do Norte até ao Adriatico: em poucas horas poderão ser transportados grandes exercitos a pontos aonde não poderiam por outro meio chegar senão em muitos dias, e com muito custo, e estrago de forças e munições, tanto na Infanteria como na Cavallaria.

Os caminhos de ferro que já ahi se-acham concluidos e frequentados pelo público, têem o comprimento de 175 $\frac{1}{3}$ milhas allemãs (15 por gráo, que fazem 239 $\frac{2}{3}$ legoas portuguezas de 18 ao gráo) que custaram 63:277.500 cruzados, o que vem a ser por cada milha 360 mil cruzados, e foram frequentadas no decurso de todo o anno de 1841 por perto de 4 milhões de pessoas.

Em trabalho se-acham actualmente 166 $\frac{1}{3}$ milhas de comprimento, que deverão estar concluidas no fim do anno de 1843. Sua despeza está orçada em 70:455.120 cruzados.

Por conta de companhias vai a começar no presente anno a extensão de 124 $\frac{1}{2}$ milhas destes caminhos, calculados em 44:265.000 cruzados.

Além destes, estão ainda projectadas 363 milhas de comprimento, com uma despeza de 155:952.250 cruzados, aos quaes accrescerão mais 193 milhas de caminhos lateraes, orçados em 69:624.750 cruzados.

Todos estes caminhos juntos, que terão uma extensão de 1021 $\frac{1}{8}$ ou 1362 $\frac{1}{3}$ legoas portuguezas, e em cuja construcção se-gastaram 378:577.125 cruzados, julga-se estarão acabados e frequentados pelo público no fim de 10 annos.

Construem-se os caminhos de ferro na Allemanha, ora á custa dos respectivos Governos e estados em que se-acham, ora á custa de companhias privilegiadas, com superintendencia dos mesmos governos, não só para evitar especulações fraudulentas de emprehendedores, como tem acontecido nos Estados-Unidos d'America, na Inglaterra e na França, como tambem para prevenir os desastres tão frequentes nos caminhos administrados só por companhias, prevalecendo o principio fundado na boa moral, que todos os caminhos nos quaes não ha uma certeza mathematica de ganho do juro de 5 por cento do cabedal gasto, são empreza pública dos governos á custa do estado, sendo injusto sacrificar os bens de particulares e causar-lhes prejuizos, quando pelo estado só resultam os lucros. Todos os mais caminhos, nos quaes se-póde contar com a renda certa dos juros, se-concedem a companhias de Accionistas; e para animal-as tomam os respectivos governos as garantias dos juros de 3 ou 4 por cento, se o rendimento não chegar a tanto; e por este meio, com a certeza que nenhum governo faltará ás suas promessas, se-acham sem difficuldade as sommas mais avultadas para a execução de similhantes trabalhos; basta que, com uma população de quasi 40 milhões de habitantes que tem a Allemanha, cada um contribua por anno com um cruzado, e por tempo de 10 annos, para ser sufficiente para a execução de todos os caminhos feitos e por fazer.

Na Inglaterra se-acham até agora acabadas, e em trabalho, 382 milhas allemãs de caminhos de ferro, que estão orçadas em 646:500.000 cruzados, importando cada milha em 1:666.230 cruzados, o que vem a ser 4 vezes mais caro que na Allemanha; e tendo a Inglaterra uma população de 18:665.000 almas, deveria cada um contribuir com quasi 4 cruzados, e por tempo de 10 annos, para o pagamento das 382 milhas.

Nos Estados-Unidos se-acham acabadas 745 milhas allemãs, e estão ainda projectadas 1300 milhas; seu custo não foi publicado.

Tanto neste paiz como na Inglaterra, onde não ha inspecção do governo, senão que todas estas obras são confiadas a emprezas particulares, têem acontecido muitas desgraças por descuidos. Mais de mil mortes nos Estados-Unidos, e não poucos centos na Inglaterra. Na Allemanha nem um só destes casos tem occorrido desde que se-estabeleceu o primeiro caminho de ferro até hoje, que já são passados 4 annos.

Ávista desta breve exposição, e das grandissimas vantagens, que resultam da facilidade das communicações, é para admirar, que por toda a parte, menos em Portugal, se-creia esta verdade como dogma politico, e principal fundamento da prosperidade e civilisação. Não dizemos já, que se-introduzam os caminhos de ferro, que fôra isso cousa impossivel: mas que devéras se-metta mãos á urgentissima obra das estradas, e ao melhoramento de transportes, para que se-possa transitar por este bello paiz, e não nos-custe uma pequena jornada tanto, como se vieramos de S. Petersburgo. *Barão d'Eschwege.*

ESTRADAS NO MINHO.

323 Alguma cousa-se tem dito a respeito das estradas d'esta Provincia, mas nem tudo ainda para bem descrever o seu deploravel estado, pois, tal é elle, que já mal lhes-quadra o nome d'estradas, que só o braço do homem, com o soccorro da arte costuma construir. O trilho dos carros, as patas dos quadrúpedes, e o contínuo andar dos passageiros são os unicos instrumentos que hoje sulcam e conservam nossas denominadas estradas; ou antes labirinto encaracolado d'estreitas azinhagas; alcantiladas aqui, despenhadas além; ora servindo de reservatorios d'aguas, muitas vezes d'alveo d'um arroio; quasi sempre entulhadas de calhaos que as torrentes para alli arrojaram; descarnadas em sitios, por tal modo, que se-torna forçoso ao viandante desmontar a cada passo para evitar precipicios: muitas vezes tão affrontadas de silvas e carrascos que incommodam d'um modo importuno: na sua direcção tão tortuosas que já mais se-adianta uma legoa sem que se-tenham andado duas, pelo menos. N'uma parte vem a cubiça do lavrador fazer um alargamento, confiado na infallivel indifferença das Camaras Municipaes, e lá fica a estrada com uma garganta apertadissima, n'outra uma conveniencia particular faz que ella vá rodear por cima de rochedos escarpados e barrancos. Finalmente as estradas nesta bella Provincia estão votadas ao ultimo abandono: ella vai em breve eleger dezenove Procuradores seus ás Côrtes futuras, veremos se d'entre estes apparecem ao menos dois, que pugnem sinceramente pela reforma das estradas abandonadas do Minho.

Povoa de Lanhoso, 24 Abril 1842. *Mello.*

A BAFUREIRA EM PENICHE.

324 Descrevemos em o artigo 176 do nosso n.º 26, 3.ª Serie — a *Bafureira* — e sua prodigiosa virtude: e ahi dissemos que talvez transportada a nosso clima, — tão subita mudança lhe-damnasse os bons effeitos. Agora nos-damos por livres de tal receio, — por quanto de *Peniche* nos-escreve um nosso correspondente, participando-nos que já n'aquella villa é conhecida a *Bafureira*. Que em 1838 — vieram sementes de *Cabo-Verde*, que logo se-lançaram á terra, e vingaram, sem dar mostras de extranheza. Que o Sr. *Paulino da Rocha*, Cirurgião do partido da Camara da dita villa, que possue esta valiosa planta, e a-tem propagado — fizéra já muitas experiencias da virtude que ella tem, de activar a secreção lactea, e sempre com bom resultado, — ainda que só em mulheres casadas e viuvas d'aquella villa, que já bemdizem tal planta.

Esperamos que á vista d'esta prova, se-prosiga em a-aclimatar entre nós, para disfructarmos tão precioso dom, o que ás Misericordias muito mais cumpre averiguar.

Depois de escripto o que precede, recebemos uma carta do Sr. Dr. *Villela*, Medico do partido dos *Arcos de Val de Vez*, e ex-Physico Mór de *Cabo Verde*, na qual este Senhor assevera que tendo feito experimentar a bafureira com todo o cuidado, em pessoa idonea e desejosa de amamentar um afilhado seu, nenhum resultado colhera; que então experimentou na propria mãe da creança, a quem faltava o leite, e nem ás cataplasmas nem aos banhos de infusão da planta (que internamente não foi tomada) attribue a activação da secreção lactea, só devida ao uso de substancias analepticas. Em questão *pratica* não debateremos nós; cumprindo-nos somente registar os factos que sobre tão curioso assumpto vem chegando ao nosso conhecimento.

Lealmente reconheceremos que este nosso Correspondente parece ser pessoa amante da sciencia e prompta a sacrificar-se por ella. Por exemplo, relata-nos que ouvindo que os Medicos Chins conheciam as molestias só pelo pulso, o que em Macáo passa em proverbio, se-transportara á China em 1815, ahi se-demorara 9 mezes, e se-convencera de que era esse mais um erro popular, digno de figurar entre os que *Richerand* denuncía.

OUTRA PROVA DO AUGMENTO DA NOSSA INDUSTRIA.

325 Continuamos a receber, e publicar novas de muito gosto para nós ácerca do augmento, em que por todas as povoações da Serra da Estrella vai a nossa industria. Segundo o calculo do nosso correspondente da *Covilhã*, o numero dos que se-occupam por aquelles contornos nos trabalhos de lanificios arriba a quinze mil, sem embargo de com as machinas se-ir cortando muito por a grande multidão de operarios, que d'antes era por fôrça empregada em qualquer fabrica; mas o que por uma parte se-poupa, é logo por outra requerido; e como a industria cresce, ninguem fica peiorado, e todos têem em que se-occupem — Nas fabricas de Gouvêa já começaram a trabalhar as novas machinas de cardar, e fiar: em *Manteigas* estão quasi armadas, e em breve serão promptas: por varias partes igualmente se vão introduzindo. Na *Covilhã* não faltam novas emprezas: tudo está em grandissima actividade, e animação: merecem com tudo particular menção os Srs. *Gomes*: não se-poupam a despezas para que as suas fabricas e officinas sejam em tudo perfeitas. Começaram por mandar cortar parte d'uma Serra, e aplainar morros, e outeiros; edificaram depois uma excellente casa a todo o custo, e n'ella formaram duas grandes fabricas, sendo uma de papel, e outra de lanificios: mandaram vir para esta de Inglaterra as machinas necessarias para o melhoramento do trabalho, e perfeição da obra, e com ellas dois artistas bem amestrados, que possam ensinar aos que por cá temos, o que lhes-falta para chegarem á perfeição no fiar da lã. Com tão louvavel empenho dos Srs. *Gomes* irá a sua fabrica adquirindo grande conceito, e não terá que invejar na boa qualidade dos productos, senão que igualará os que nos-trazem de fóra, para nos-levarem o dinheiro para tão longe, que nunca torna.

P. S. Anda-se assignando na *Covilhã*, e suas immediações, uma Representação á Rainha ácerca de industria portugueza: assevera-se que já a subscreveram para mais de 4000 pessoas.

F. M. P. Silva Negrão.

SOBRE NOVOS LOGARES NO MERCADO DA RIBEIRA NOVA.

326 O Sr. *A. S. Ressurgido*, n'uma longa carta que só podemos extractar, suggere á Camara Municipal uma lembrança, que elle declara ser de grande importancia. Eis-aqui em resumo como se-exprime:

«Com muita razão determinou a Camara que na Praça da Figueira, além dos logares para a venda de aves e animaes domesticos e bravios, fructas e hortaliças, outros houvesse para venda de carne de porco, peixe e marisco, ficando assim um soberbo e completissimo mercado, que se-aformoseou com arvores e enriqueceu com um poço utilissimo para a Praça. Igual melhoramento deveria fazer-se no Mercado da Ribeira Nova, estabelecendo alli logares para venda de carne de porco, aves e outros animaes.

«Esta innovação seria mui vantajosa ao populoso bairro de que a Ribeira Nova é centro. Demais, ficando esta no desembarque ordinario do Téjo, é frequentada por nacionaes e estrangeiros, que alli viriam facilmente bastecer-se de comestiveis para os navios de guerra e mercantes.»

O mesmo correspondente propõe o estabelecimento de outros pequenos mercados em varios pontos da cidade, como Campos de Santa Clara e Santa Anna, Patriarcal Queimada, Praça das Flores, Largo do Convento do Coração de Jesus, etc., etc.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FR. LUIZ DE SOUSA.

Maio 5 de 1632.

327 O nosso mui erudito Escriptor *Manoel de Faria e Sousa* — põe no numero dos Poetas que fazem companhia a *Camões* pelo nome de *Luiz* — o melifluissimo Chronista de S. Domingos. E com effeito quem quizer exemplares da boa falla portugueza — to-

me *Luiz de Camões* — para verso — e *Luiz de Sousa* — para prosa. — Tão assentado está este arbitrio, que nada mais ha que dizer. Foi este bom Frade — filho do esforçado Fidalgo oriundo de *Santarem* — *Manoel de Sousa Coutinho* — que tantos serviços fez em ambas as *Indias* — como largamente contam — *Barros* e *Couto*. — Foi tambem grande humanista — e philosopho — e nomeado por *Catão* do seu tempo — e bem no mostra nas *Memorias* que escreveu do *Cerco de Dio*. — Tal era o progenitor de Fr. *Luiz de Sousa*. Tambem este militou na celebre cavallaria de *Malta* — foi prisioneiro do Turco — no cativeiro teve por companheiro o notavel *Miguel de Cervantes* — depois de resgatado casou — passou á *India* — voltou á patria — e já homem de idade (de 58 ou 60 annos) tomou o habito no Convento de S. Domingos de Bemfica, nos suburbios de *Lisboa*, e deixou o nome do seculo. Ahi escreveu entre outras obras latinas — em portuguez a Vida do Arcebispo D. Fr. *Bartholomeu dos Martyres* — e depois a Historia de S. Domingos. São singulares os conceitos — que de sua pessoa e obras fazem os Censores dellas, e os demais Escriptores que delle fallam. — O Padre *Antonio da Costa* lhe chama — o *segundo Cicero da Lingua Portugueza* — o Padre *Aranha* acha-lhe todas as propriedades dos antigos Historiadores — no breve e succinto do relatar vê outro *Sallustio* — no peso e grave das ponderações outro *Livio* — no politico e picante das sentenças e aforismos outro *Tacito* — e na liberdade do dizer outro *Suetonio*. E em fim o Padre *Antonio Vieira*, fallando da referida Historia de S. Domingos diz — Toda a Historia é mestra da vida: esta é mestra da vida e da Historia. A nossa Academia das Sciencias julga que — os seus escriptos formam o melhor panegyrico da sua eloquencia, e da suavidade, policia, cópia, e puresa de seu estylo. Além destas obras que todos nós conhecemos, lamentava-se desde a expulsão dos *Filippes* — a perda da Chronica de El-Rei D. *João* 3.º — que elle composera supprindo (como diz D. *Francisco Manoel*) os defeitos e descuidos de *Francisco de Andrade*.

Penalisa ver como o Bispo de Vizeu, na — *Memoria historica e critica ácerca de Fr. Luiz de Sousa e das suas obras* — que anda inserta nas da nossa Academia (para a qual enviâmos os que delle quizerem haver noticias, por ser insufficiente a vida que Fr. *Antonio da Encarnação* estampou no principio da 2.ª parte da H. de S. D.) descreve a importancia desta Chronica, de reinado tão célebre e critico, a qual segundo os apontamentos que havia maior interesse excitava. — Pois saiba-se que esse precioso Codice, já nolo Deos deparou! — e por mãos que tão dignas se têem tornado deste, e d'outros mais favores de Deos. E digam lá que Elle não paga a quem no-serve! — É ao incansavel explorador das nossas velhas minas litterarias — *o Sr. A. Herculano* que devemos este grandissimo achado. Já, por sua mercê, o vimos; é todo escripto pelo proprio punho de Fr. *Luiz* — não lhe falta nada — apenas alguns capitulos têem só os *apontamentos* — sem estarem extendidos e vestidos — mas a substancia (a Historia) alli está. Ninguem lhe tinha atinado com o titulo porque o verdadeiro é — *Annaes da vida feitos e reynado do Sr. Rey D. João III.*

Queria o Padre Fr. *Agostinho de Sousa* que houvesse um Compendio das obras de Fr. *Luiz de Sousa* para modello de bem escrever nas Escholas — pois agora será cumprido tão util desejo, — de que seremos devedores ao Sr. *A. Herculano*.

Faz hoje 210 annos, (ha quem diga que foi no dia 11) que o cobriram aos olhos do mundo as lageas do coro do seu Convento de Bemfica, e ainda não passou um só dia, sem que algum Portuguez deixasse de se-lembrar de tão grande bemfeitor da nossa língoa.

A. da Sylva Tullio,

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(Continuação de pag. 341).

328 A origem da independencia de Portugal, e a sua separação do reino Leonez, tem sido uniformemente attribuida pelos nossos historiadores ao casamento do principe borgonhez *Henrique* com *D. Theresa*, filha de *Affonso* 6.º É cousa assentada, que o rei leonez casando sua filha lhe-dera *em dote* a terra de Portugal, que tendo estado já separada da Galliza, então o-foi de novo, ficando-lhe servindo de limite o Minho. Esta opinião que até hoje tem passado inconcussa, sendo ainda recebida por um sabio dos nossos dias, respeitavel por todos os titulos, parece-me todavia involver difficuldades insuperaveis.

Até a invasão dos arabes, os Godos conservaram nas Hespanhas tenazmente as instituições germanicas ácerca dos dotes. Pelas suas leis, contrarias ao que estatuiam as leis romanas, era o noivo quem dotava a mulher. Similhante costume dos barbaros, porventura mais nobre que o romano, foi regulado por uma lei de *Chindaswintho*, inserida no codigo *Wisigothico* (1). Esta lei, assim como as mais disposições d'aquelle codigo, atravessando o dominio dos arabes, que deixaram aos vencidos o governarem-se civilmente pela sua legislação e pelos seus magistrados, continuou a vigorar, não só até o tempo de *Affonso* 6.º, mas porventura até a publicação da lei das Partidas (2). Não havia pois na legislação d'Hespanha, nem nos usos nacionaes, n'esta parte perfeitamente accordes com ella, causa alguma para o rei de Leão se-lembrar de pôr em pratica, no casamento de sua filha, um costume romano, provavelmente até ignorado por elle.

Seria este acto insolito uma imitação de costumes francezes? Fica dicto que foi no reinado de *Affonso* 6.º principalmente, que as idéas e instituições francezas se-introduziram na Peninsula. Nas suas vastas empresas contra os arabes, este rei ajudou-se grandemente de cavalleiros francezes, a quem enriquecia e honrava, ao mesmo passo que enchia as cadeiras episcopaes de bispos d'aquella nação.

A predilecção que elle sempre mostrou pelas cousas de França, e que tanto contribuiu para alterar os costumes wisigodos, podiam tê-lo movido a seguir, casando suas filhas com os principes borgonhezes *Raimundo e Henrique*, e outra com o conde de Tolosa, os costumes d'aquelle paiz, se elles n'esta parte fossem contrarios aos das Hespanhas.

Mas não acontecia assim. Ainda n'aquelle seculo era commum por toda a Europa a instituição germanica ácerca dos dotes. Em Ducange, á palavra *Dos*, se-acham

---

(1) Liv. 3 tit. 1. lei 5.ª

(2) Vejam-se no Ensaio de *Martinez Marina* sobre a legislação d'Hespanha, no § 249 e seguintes, as provas indubitaveis disto.

colligidas as disposições dos diversos codigos europeus a este respeito, bem como documentos de que os factos não eram contrarios á legislação, o que sempre é necessario examinar na historia da idade-media, na qual a confusão social, e a ignorancia em que jaziam todas as nações, faziam que a pratica das relações civis contrastasse ás vezes com os preceitos legaes.

A difficuldade de acceitar a tradição de um facto, incomprehensivel para os individuos por quem se-diz praticado seria bastante para o-tornar mais que suspeito. Mas ainda occorrem contra elle outras considerações.

É incontestavel que *Raimundo*, o marido de *D. Urraca*, senhoreou a Galliza e Portugal, antes de *Henrique*; e que a porção do territorio hespanhol dado a este para governar como conde, ou consul, foi desmembrada do territorio governado pelo conde *Raimundo* antes do fallecimento d'este. Se Portugal foi dado em dote a *D. Theresa* com direito hereditario, segundo affirma a chronica latina do imperador *Affonso Raimundez*, provindo d'essa circumstancia o Governo de *Henrique*, como se-ha-de suppor que *D. Urraca*, filha mais velha e incontestavelmente legitima, não recebesse em dote tambem, *jure hæreditario*, as terras que seu marido governou? E se assim foi, como e porque se-destruiu em parte este direito, dando em dote de outra filha uma porção do que já era dote de *D. Urraca*, e isto sem que *Raimundo* se-queixasse, antes fazendo pactos de concordia e mútua alliança, como o que fez com o conde *Henrique*?

Além d'isso, *D. Elvira* irmã de *D. Theresa* e casada com o conde de Tolosa, não recebeu em dote terras algumas: diz-se que fôra a causa d'isto o possuir *Raimundo de S. Gil* estados em França. Mas que lei, ou costume d'Hespanha obstava a que elle possuisse um condado em outro paiz, conjunctamente com os estados que tivesse em Leão? E se não havia legislação ou uso em contrario, porque consentiu este principe, mais poderoso que os outros dois, que fossem para elles estas liberalidades, ao passo que ficava sem quinhão na monarchia hespanhola, que assim se-faz retalhar loucamente pelo habil *Affonso* 6.º? (3).

Mas admittindo que isto acontecesse, ainda resta outra difficuldade maior. Além de *Urraca*, *Theresa* e *Elvira*, *Affonso* 6.º teve uma filha chamada *Sancha* e outra *Elvira* (4) nascidas da rainha Isabel, a primeira das quaes casou com o conde *Rodrigo Gonçalves* e a segunda com *Rogerio*, duque de Sicilia. Quanto a este, nada accrescentarei ao que já disse ácerca do conde de Tolosa, *Raimundo de S. Gil*. Mas no conde *Rodrigo Gonçalves* não se-dava por certo a circumstancia de ser principe estrangeiro, com estados fóra d'Hespanha, e todavia não consta que el-rei dotasse a infanta *D. Sancha* com terras ou provincias que elle devesse possuir *hereditariamente*, antes pelo contrario, possuindo o conde *Rodrigo* as honras de Asturias de Santillana, lhe-foram estas tiradas por suas turbulencias, e reconciliado depois com *Affonso* 6.º lhe-deu el-rei o governo de Segovia, e a alcaidaria de Toledo, que tornou a tirar-lhe passados tempos, ao que parece, por seu genio inquieto (5). Porque seria excluido, porém, o conde *Rodrigo*, nobre, natural, e poderoso, do beneficio que recebera um estrangeiro pobre, embora illustre e valente? É na verdade inexplicavel similhante contradicção.

A estes raciocinios, fundados em factos incontroversos, nenhum argumento, nenhuma auctoridade se-póde oppor senão uma phrase do chronista anonymo de *Affonso Raimundez*, que, fallando de *D. Theresa*, não directamente mas por occasião da guerra de *Affonso* 7.º com seu primo *Affonso Henriques*, diz — que *Affonso* 6.º a-casara com o conde *Henrique*, e a-dotara magnificamente, dando-lhe a terra portugalense com *dominio hereditario*. Este testimunho singular, porque todas as outras memorias coevas guardam silencio a similhante respeito, será porêm de tal peso que nos-faça accreditar um facto contrario á legislação, e aos costumes da epocha e laborando nas difficuldades que apontei? Não o-creio. A chronica latina é proxima, porêm não contemporanea do reinado de *Affonso* 7.º, segundo o-diz seu auctor, *que ouviu contar os successos d'aquelle reinado aos que os-tinham presenciado* (6), o que por certo não poderia dizer do reinado de *Affonso* 6.º, começado, pela segunda vez, 54 annos antes do de seu neto. E sendo d'aquelle reinado o casamento de *D. Theresa*, deve-se confessar que para o A. da chronica eram as circumstancias d'elle tradições um pouco remotas.

Ajunte-se a isso que d'esta historia apenas restavam copias incorrectas e incompletas quando, depois de *Berganza*, a-publicou *Flores*, e que ella passou pelas mãos do celebre falsario, consocio de *Fr. Bernardo de Brito*, o padre *Higuera* (7). Será portanto bastante por si só para dissolver as dúvidas apontadas? Aconselha-lo-ha a boa critica? Parece-me que não.

Mas suppondo que a chronica d'*Affonso* 7.º esteja correcta e sem interpollação, e que a sua auctoridade se-deva acceitar como a de um testimunho contemporaneo, ainda assim ella provaria quando muito que *D. Affonso* 6.º dera a seu genro, em attenção a *D. Theresa*, o governo de Portugal para si e seus filhos perpetuamente, visto que o hereditario se-ía introduzindo nos cargos administrativos como na corôa. Tal seria pois n'esse caso a significação da palavra *dote*, que então era mui diversa da que hoje lhe-damos, e corres-

(3) Se attendermos a uma passagem do Chronicon Floriacense, quando falla do conde *Raimundo*, veremos o nenhum fundamento da explicação que se-pertende dar á exclusão do conde de Tolosa das generosidades extra-legaes de *Affonso* 6.º — Tractando dos cazamentos de *Raimundo* e de *Henrique* diz » *Quam (D. Urraca) in matrimonium dedit Raimundo comiti, qui comitatum trans Ararim tenebat*. Alteram filiam.... *Ainrico* uni filiorum filii Ducis Roberti. » Eis, pois, Raimundo com o mesmo impedimento para receber dote, que tinha o conde de Tolosa; visto que Raimundo era já conde de Borgonha, *tendo o condado além de Arar* (Saône), o que se-prova, não só do testimunho do Floriacense, mas dos documentos e testimunhos irrefragaveis que colligiu *Mondejar Orig. y Ascend. del Princ D. Ramon*.

(4) A existencia de *D. Elvira e D. Sancha* prova-se da chronica de *Pelaio*, em Flores e Sandoval, e do documento de Sahagun citado pelo ultimo (*Reyes de Castilla e Leon* f. 124 v.) onde accrescenta, achara feita menção de *D. Sancha* em outras escripturas destes annos. Veja-se tambem *Mondejar*, *Succession d'el-rei D. Alonso* 6.º § 17.

(5) Veja-se Sota Princ. das Astu. Appendice d'escript. Colmenares Hist. de Segov. c. 14 § 10 — Mondejar Success. d'Al. 6.º § 25.

(6) Chron. Adefonsi Imper. Præfatio, em Flores Esp. Sagr. T. 21 p. 320.

(7) Flores Esp. Sagr. T. 21 p. 307 e segg.

pondia a *donatio*, como se-vê claramente dos diplomas que vão indicados em nota (8).

Mas o conde *Henrique* governou Portugal em quanto viveu. *D. Theresa* o-governou igualmente depois da morte d'elle em 1112, até seu filho a-desapossar da suprema auctoridade em 1128. Este finalmente, tomando o titulo de rei, firmou para sempre a separação e independencia de Portugal dos reinos de Leão e Castella. Como se consumou similhante facto? Qual foi a historia d'este successo, verdadeira ou pelo menos provavel?

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS.

A Historia, que ha de andar entre as mãos sempre,
E que principalmente ha de ser lida,
É a Historia de Deos tão verdadeira,
Que abre as portas do Ceo, cerra as do inferno,
Que as grandes maravilhas de Deos conta,
E a liberalidade com que tracta
Esta desconhecida e ingrata gente.

Diogo de Teive.

329 Da *Historia* tira este Jornal — e para a *Historia* trabalha. A conta e veneração em que havemos a *Sagrada* (por excellencia — *Biblia* —) bem clara e auctorisadamente o-expressámos em o n.º 25. Agora depara-se-nos occasião de annunciar um meio facillimo de generalisar a sua edificante leitura. Dizemos *generalisar*, porque na verdade é das mais raras ainda hoje, que tanto se-lê. E todavia é elle — o *livro dos livros* — não só por sua Divina auctoridade e doutrina, senão tambem porque se-acha alli o *regimento* para todas as classes e condicções que no mundo póde haver, como extensamente o-provou o sabio *Rollin* no Tractado dos Estudos que compoz para o Collegio, cujo era Reitor. Visitem-se os Lyceus — Atheneus — e mais Institutos d'instrucção que por ahi estão patentes, e vejam se por as polidas estantes apparece nem meia *Biblia!* La vão com o *Cathecismo* — bem *decorado* e mais nada. A *Biblia* — além de, pelo lado litterario, ministrar muita abundancia de linguagem, de bellas comparações, magestosas parabolas, grandes acções, etc. etc. etc. — serve tambem de inspirar á tenra mocidade, o amor e respeito aos fundamentos da sua Religião, para assim a-escudar contra os assaltos da audaciosa incredulidade. Temos que é esta uma das grandes faltas do systema de educação actual. Podem dizer-nos que, mormente — o *Novo Testamento* — é imperceptivel ás primeiras idades: haja por tanto selecção e explicação. Mas isso dá muito trabalho..... Não pára só aqui: lastima é, e grande, haver ahi gente que ostenta de muito *lida* e *polida* — e nunca em tal Livro pegou. Perguntai-lhe o que é a Paschoa — quantos e quaes são os Evangelistas — não vol-o saberão dizer ao certo. Ha dias ouvimos nós affirmar que a Cêa da instituição da Eucharistia — *fóra de peixe!* etc. Cousas de que com tão pouco trabalho podiam todos ser sabedores — e que nenhum homem (que não só Christãos) deve ignorar.

Uma razão (se o-é) se-podia oppor a tal desconhecimento — o grande vulto e preço da *Biblia* — não só as versões dos PP. *A. Pereira* — e *Sarmento* — mas ainda das edições de *Londres*, posto que houvesse separado — o novo do velho Testamento. — Pois bem: agora não haverá desculpa. Já temos este verdadeiro *pão mistico* — partido em pequeninos — para que chegue a todos.

Houvemos ha pouco uns mui formosos *Livrinhos* — contendo cada qual seu assumpto da *Biblia*. Em um os Psalmos — n'outro o Evangelho de S. João — n'outro o de S. Marcos etc. assim distribuidos todos os de que se ella compõe. E isto pelo infimo preço de cem reis cadaum — elegantemente impressos — encadernados — e douradinhos — que são cousas estas a que hoje muito se-attende.

Aqui temos pois ricas prendas para premios das Escholas — para dadivas de Mães e Avós a seus filhos e netos — para lembranças de amisade — e tambem para mimos de namorados — que ainda ha muitos amores honestos. Para resalvar escrúpulos, démo-nos ao suavissimo trabalho de confrontar a traducção, e a-achámos ser conforme á que o nosso Padre *Almeida* — fez do texto grego — a respeito da qual, veja-se o juizo feito pelo Doutissimo Antonio R. dos Santos, que anda inserto no T. VII das Memorias da nossa Academia das Sciencias onde se lê: — A sua interpretação é em tudo muy Christã e Catholica etc. — A sua linguagem, sobre ser muito propria e simples, qual convinha a tal obra, é muy abastada de termos e muy rica de expressões, encerrando em si hum bom thesouro do vocabulario da Lingoa Portugueza.

Muito nos-comprazêmos de annunciar e recommendar tão urgente publicação. E pois que a mofina da nossa época, quiz que por ahi andem já impressas — *as memorias do Diabo* — opponhamos-lhes nós — *as memorias de Deos* — e veremos de novo baquear esse inimigo d'alma. É a maior cruz que lhe-podemos fazer: — fique á auctoridade Ecclesiastica o cargo de punir os desacatos da Religião — e aos Magistrados os da Moral (1).

O livro a que alludimos não é atroz, senão atrocissimo — sobrepuja a todos quantos ahi andam *damnados e damnificadores* — é o estandarte da mysantropia — a satyra do genero humano, — em summa — é cousa do Diabo — que não ha mais dizer. Não são isto declamações vãs, são verdades averiguadas pela leitura, que não só nós — mas juizes mui competentes hão feito. Bastantes *diabos baptisados* temos nós por cá — não era mister i-los buscar á França. Deixa-los. Como elles *já se dão ao Diabo* — signal é do ultimo recurso.

Nós iremos caminhando por via opposta — dando-nos ao serviço de Deos — annunciando e louvando-lhe o seu livrinho. O que nos-pêsa é que se elle vá encontrar com taes *cadernetas*. Que bem verdade não fallou um dos nossos bons Autores — dizendo que qualquer livro dos antigos entre os de *Balzac* — *Sand* — *Souliá* — *Kock* — etc. parecia uma creancinha mui alegre e desmaliciosa, n'um alcouce, onde, á luz de uma candêa fumosa, dançam e cantam, meretrizes e ladrões, desfarçados em fidalgas, e Cavalheiros, em noite ébria

---

(8) Na fundação do mosteiro de Nájera e foros da Povoação do anno de 1052. »Igitur cum hujus rei voluntate, tum in ædificandæ ecclesiæ constructione, quam *indotis* astipulari donatione.....» Na doação de Jubera á igreja de S. André, feita no anno de 1057 — Hæc est carta *de dote* quæ dederunt vicinos de Jubera ad S. Andreæ. — Collecc. de Privileg. de la corona de Castilla T. 6 p. 58 e 61 (Madrid 1833).

(1) Pêsa-nos que a gravidade d'este Jornal nos véde responder á audacia do *publicador*.

do carnaval! Protesto não desamparar este litigio em que periga — não só a lingoa — mas tambem a alma.

Antonio Joaquim da Sylva Tullio.

CINTRA PINTORESCA.

330 Quem ao ouvir, ao recordar o nome de *Cintra*, não sente, nascerem-lhe n'alma, doces afeições, para com esse quadro, onde o Creador resumíra, tudo quanto ha de bello e admiravel? Memorias para uns do muito que lá gosaram; esperanças para outros de verem o que só lhe disseram; desejos de avivar idéas esquecidas, sensações que a todos captivam, não sensações de prazer tumultuario que não é prazer, mas d'um agro-doce, desse equilibrio entre o alegre e o triste, a que não sabemos dar nome, se lhe não cabe o de *melancolia*; eis o que desperta em nós a palavra *Cintra*. Que será visital-a, sentir de perto o que já de longe nos arrebatára? Um goso íntimo e universal; mas, goso era esse, de difficultosa realisação, a querel-o completo; sim, era facil colher uma ou outra inspiração; mas, encadeal-as, descubrir o que a natureza occultára, o que a arte conserva a bom recado, o que a tradicção diz, o que os livros e archivos enthesouram; só um guia fiel e instruidissimo o podéra; um guia que mostrasse a gruta recondita, e nos ensinasse a contemplal-a; que subisse comnosco á torre, para alli recontar a historia do castello a que pertencêra; as tradicções do povo com seus medos e encantos; que decifrasse as inscripções meio gastas; determinasse as épocas de fundação, das igrejas, mosteiros, e palacios; que nos apontasse os quadros e nomeasse seus authores; que soubesse os vestidos d'outros tempos, as origens, datas, productos; em fim que tudo desencantasse e explicasse; que satisfizesse a curiosidade e a sciencia; um verdadeiro *guia do viajante* sem distincção de classe; guia de todos e para tudo. Um tal livro de que tanto careciamos, se acaba finalmente de publicar *Cintra Pinturesca, ou Memoria descriptiva da villa de Cintra, Collares e seus arredores*. Parabens a todos, louvores a seu author, o Sr. *Visconde de Juromenha*, (segundo nos affirmam) que este seu trabalho decididamente os merece: nem lhe falta a exacção descrevendo os differentes logares que devagar os visitára; nem erudicção patente nos documentos que apresenta. Não recommendamos a obra que o não precisa: mas ao seu author ousaremos presentar uma lembrança por ventura importuna, e tardia, mas filha e expressão de boa vontade: — quizeramos no fim do livro um index, onde se achassem notados com methodo, os nomes dos principaes objectos que o viajante deve, naturalmente procurar em visitando *Cintra*, por modo que, olhando por elle, se lhe deparasse no livro a explicação que desejava: é advertencia, não é censura. *J. da C. Cascaes.*

Como parece que, em assumpto de incontestavel e incontestada evidencia, clamamos no deserto, e a authoridade continúa a consentir o estúpido, immoral, impolítico, indecente e descivilisador *divertimento* dos touros, de que se nos-vão dar novos expectaculos, não abriremos mão de tal assumpto, até que a voz de todos os homens que em Portugal, pensam, sentem, amam e escrevem, haja unanime expurgado de nossos usos o mais vergonhoso. O seguinte é extracto de um longo artigo, cujas dimensões nos não permittem publical-o integralmente.

CORRIDAS DE TOUROS.

331 Se, depois do que sobre esta materia appareceu na *Revista Universal*, alguma cousa resta que addicionar, fal-o-hei, quando não seja senão para apresentar novos factos.

Pessoa da Provincia, que ha annos não vinha a *Lisboa*, foi no dia 4 do passado vêr os touros do Campo de Santa Anna; espantou-se de observar a progressiva barbaridade d'este divertimento, desde os ultimos annos, em que esteve em *Lisboa*. È o circo dos antigos gladiadores romanos, porque espantosas quedas e pancadas produziram a morte de um homem e outros se-acham com a saude arruinada. Um cavallo encheu o curro de sangue com a chavelhada d'um boi. Era um cavallo insignificante e indefeso, exposto á furia d'um animal aggredido.

Os Juizes do *Condado de Valois* fizeram em 1313 o processo a um touro, que havia morto d'uma cornada a um rapaz: provado o crime por tres testimunhas, condemnaram o bruto a ser enforcado. Foi confirmada esta sentença, por accordão do Parlamento de París de 1314. = Este acto de justiça cruel, e extravagante (diz o Historiador) só prova a barbaridade e estupidez d'aquelles tempos. — E que nome daremos aos homens, que deixam continuar taes divertimentos, e á época presente em que se vê a authoridade publica de *Lisboa*, mandar (como expectaculo) que homens se-exponham á morte? Em vez da reflexão do Historiador, direi eu; se um Tribunal, em época menos civilisada, mandou enforcar um touro por ter quebrado a perna a uma creança, que pena reservaria para quem tolera ou ordena que touros matem homens e animaes?

E não haverá n'estes desgraçados tempos outros divertimentos, com que entretenham o povo, sem o-tornarem estúpido, e cruel, vendo sangue e atrocidades? Ainda que este povo estivesse desterrado nos certões d'Africa, não se-lhe-deveriam conceder divertimentos de carniceria e sangue...

Diz-se: os lucros do divertimento sustentam os infelizes da Misericordia e Casa-Pia. Não ha infamia, e desleixo, como o de querer sustentar desgraçados, com o sangue de homens, e animaes, e causar penas e flagicios, para espremer dinheiro.....

Ora pois, se a authoridade julga não ser ainda tempo de supprimir para sempre o expectaculo dos touros, forme-se uma associação, cujos membros, directamente e por sua influencia não consintam ás suas familias que a tal expectaculo concorram, e contribuam para que os seus amigos façam outro tanto. Em *Bruxellas* organisou-se ha annos uma sociedade para acabar com o uso das boas-festas; imitemol-a, para um fim mais nobre, para a suppressão de um uso que não é só estúpido, mas immoral.

C. X. Pereira Brandão.

Nos *Pobres do Porto* vem um muito engraçado artigo, do qual, apezar de desviar-se do estylo que temos adoptado para esta Folha, não podemos resistir ao desejo de transcrever o seguinte trecho. É mais um campião para a boa causa, e a arma do rediculo não é ás vezes a menos efficaz. Aproveitemos esta occasião para declarar que transcrevemos gostosamente qual-

quer escripto bem redigido, seja em que estylo fôr, que concorra para a suppressão definitiva do *divertimento* dos touros. No Domingo 8, haverá este *admiravel* expectaculo, e affiançam que os animaes serão bravissimos, e darão cabo de quantos Toureiros e cavallos se-lhes-pozerem em frente.

. . . . . .

332 O *José Feliciano de Castilho* acaba de soltar um brado de reprovação contra o divertimento selvagem da corrida dos touros: são memoraveis estas palavras do seu artigo — « O despreso da vida é uma these destruidora: é crime despresar a vida ou expo-la inutilmente: o homem não é senhor de seus dias, e taes doutrinas santificam o homicidio e o suicidio. » — Isto, mestre, está muito bem dito, e muito bom seria que este brado fôsse apoiado pelo Governo, e que este pozesse termo por uma vez a este cruel divertimento, que não tem por onde se-lhe-pegue, a não ser pelo gosto depravado de vêr matar bois por dinheiro! Este divertimento é barbaro, anti-constitucional, e indigno de um povo que, por essas ruas, praças e botequins não cessa de gritar civilisação e mais civilisação! Que diabo de civilisação é essa, de vêr martyrisar um animal, feril-o, assassinal-o! Que gostinho tão depravado vêr voar por esses ares, nas pontas de um touro da *Chamusca* um homem que podia ser um soffrivel Eleitor de Parochia, ou um digno par do Reino!

Mestre, foram-se as Côrtes de *Lamego*, as Ordenanças, as Milicias, os Foraes, os Dizimos, os Frades, as peças de 7:500, o ouro miudo, os edificios historicos, as Ave Marias: em fim foram-se todas as antigualhas dos nossos ginjas, e só nos-ficou o divertimento brutal de agarrar á unha, e de pôr as tripas ao sol para sustentar *impiamente* a Casa-Pia, ou festejar a Senhora da Nazareth! O nobre *Visconde de Sá da Bandeira* acaba de unir o seu voto ao do *Castilho*, e é este o meio de acabar com tal divertimento, que é uma mania, e as manias curam-se ridiculisando-as. Ora que o bicho-homem vá á tal brincadeira, ainda lhe eu dou um passe; mas que o sexo feminino, tão fragil, tão meiguinho, tão terno, goste de vêr scenas de sangue, e saborêe os urros de um touro agonisante, como as melhores arias da Boccabadati, é realmente insupportavel! Em fim, mestre, voto contra o tal divertimento, e não consentirei que a minha futura metade vá á Praça do Campo de Santa Anna, nem para a parte do sol nem para a parte da sombra. . . . . .

. . . . . .

Deixemos porém esta materia aos Vates Dramaticos, laureados e por laurear, e passemos a cousas alegres. No dia 5 tivemos uma grande funcção a bordo da Náo ingleza: assistiu toda a Côrte, o Duque e Duqueza da Terceira, Marquez e Marqueza de Fronteira, Barão do Tojal, Conde e Condessa da Cunha, Costa Cabral, etc. Parece que passariam de 500 convidados. As senhoras concorreram até á noite, e quando entravam, a tropa corria ás armas. O almoço foi cousa grande; as mesas continham 100 pessoas; principiou ás 4 horas, e de madrugada ainda se-dançava! Ora não será melhor dançar que deitar-se dos arcos das agoas livres abaixo! Comer bons petiscos, que vêr matar os bichinhos do Riba-Téjo! Mestre, abandonemos as políticas, como diz a minha futura, e tratemos de cousas sérias: trabalhemos na reforma dos nossos costumes, e deixemos em paz os que já comeram e os que querem comer.

(Periodico dos Pobres do Porto.)

NOTICIAS.

HAMBURGO.

333 Tencionára o Senado d'esta Republica comprar a deshabitada e inculta ilha de Chatham na Australia para alli estabelecer colonias de allemães: — o fim era philantropico e utilissimo. Estava a ponto de se-realisar a compra; a Inglaterra intervém e diz — que vista a proximidade d'esta ilha com a Nova Zelandia, ella lhe pertence; e que os contractos, que se-effectuarem, devem ficar sujeitos ao que determinam as leis na Nova Zelandia. — Entre ellas ha uma, que prohibe a venda de mais de 2500 braças quadradas. — Manda mais aquelle governo que os allemães, que n'ella se-estabelecerem, sejam tratados como estrangeiros. *(Extracto de carta de um correspondente nosso.)*

INGLATERRA.

334 Os jornaes inglezes discursam sobre uma pequena victoria que alcançaram em Caboul; e sobre a deserção do Shah Soudjah, que os-atraiçoou apezar dos grossos interesses com que os inglezes o peitavam. O ministerio tinha alcançado maioria no bill sobre impostos.

FRANÇA.

335 Passaram nas Camaras diversos projectos de lei; uns dando subsidios ao governo; e outros sobre construcções de estradas. As conferencias ministeriaes continuam. Diz-se que o governo retirára as modificações que tinha feito ao *tratado de visita*.

HESPANHA.

336 Publicou-se a lei que manda organisar as deputações provinciaes em Alava, Guipuscoa e Biscaia. Continúa a fallar-se no casamento da rainha; fazendo muita bulha a missão de M.r Pageot.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

337 *Diario do Governo* 28 *Abril*. — Beijamão para o dia 29.

De 29 *Abril*. — Ordem aos Juizes para que as authoridades encarregadas de fazer diligencias no Hospital de S. José, previnam primeiro a respectiva administração.

De 30 *Abril*. — Officio do Director da Escola Medica remettendo o exame phrenologico de Mattos Lobo (que apparece no precedente numero d'este Jornal).

De 3 *Maio*. — Instrucções sobre os estudos de medecina e cirurgia ministrantes.

MILLIONESIMO SEGUNDO SUICIDIO NOS ARCOS.

338 *Ignacio Candido de Oliveira*, cabo de infanteria n.º 16, vivia em companhia de sua mãi. Alguma extravagancia de mocidade e violencia de genio não o tornavam grande exemplo de filhos, sem comtudo se poder dizer que desamasse a de quem rece-

bêra a vida, Ha já dias, que elle lhe começára a fallar de tenções funestas contra si mesmo: — sobresaltára-se a principio o amor materno, mas considerando por uma parte, em que nenhum motivo para tal lhe conhecia; e por outra, no ar superficial e estouvado de que acompanhava taes palavras, entendeu dever attribuil-as só ao malicioso desejo de a atormentar; e socegou. — A 28 de Abril chega de manhã cedo a boa velha á cama, onde o filho ainda jazia, e lhe pergunta — se quer roupa lavada, — para quê, responde este, se eu me vou matar. — Reprehende-o a mãi, ainda incredula: elle porém lhe repete — ha de ser hoje e dos *arcos* abaixo: — esta insistencia causou sua apprehenção na infeliz, que saindo a consultar o negocio com um visinho, e concordando com elle, em que era prudente empregar nesse dia alguma vigilancia, procura um soldado do mesmo batalhão a quem, relatando os seus temores, encommenda, que todo esse dia lhe não perca o seu cabo de vista. Cumpriu fielmente o soldado o seu encargo, — seguiu-o em alguns giros, que deu pela cidade: viu-o encaminhar-se para os *arcos*, seguiu-o mais de perto; entrou após elle no caminho já infamado por um milhão e um suicidios, e que ainda o tem de ser por outro milhão delles, se a *autoridade* teimar em não prohibir á desesperação este seu paradeiro tão sabido: — a dianteira que *Ignacio Candido* lhe levava o encheu de terror quando ao dobrar o angulo daquella ponte se lhe furtou dos olhos, — lançou-se á carreira contra elle gritando — pára, pára: — mas os gritos só valeram para apressar o acto da demencia; — quando o tornou a descobrir viu-o estar acabando de amarrar um lenço na cabeça, subir ao parapeito, e despenhar-se.

JÁ CHEGOU O ROMANTISMO ATÉ Á ALFAMA.

339 No bairro de Alfama foi pela auctoridade competente preso um tal *João Rodrigues* por estar maltratando com pancadas *sua mãe*.

MAIS UM ANJO FEITO POR UM DEMONIO.

340 Na *rua dos Capelistas*, na primeira escada do lado direito para quem vem do *Largo do Pelourinho* se encontrou, Segunda feira 2 do corrente, uma menina morta e envolta em pobres panos. A cabeça para a parte esquerda estava fortemente contusa: parecia ter já alguns mezes; se é verdadeira esta clausula de não ser recémnascida, enormemente accrescenta ella a *enormidade* de tal crime. Pessoas, que a essa hora, duas da tarde, acertaram de estar em algumas das lojas fronteiras, dizem haver reparado que para aquella escada entrára, um bom espaço antes de se-fazer o achado, uma mulher de capa e lenço, pobremente vestida; o seu todo não excitou tantas desconfianças que entendessem dever seguil-a, nem tão poucas tambem, que hoje não desconfiem haver podido ser ella, senão a assassina pelo menos a portadora: ninguem alli a-conheceu. A justiça procede nas diligencias do seu officio.

MATTOS LOBO,

341 Sexta feira passada, no Pateo do Hospital de S. José, trasladou-se para *chapa de cobre*, segundo o methodo de *Daguerre* — a imagem do craneo de *Mattos Lobo* — saíu perfeitissima. Se os estudos *phrenologicos* são d'alguma importancia, muitos bons serviços poderá n'este uso prestar o *Daguerreotypo*. Por via d'elle se-poderão multiplicar infinitamente os gabinetes phrenologicos — enriquecendo-se cada um d'elles com as preciosidades de todos os outros.

EPIDEMÍA.

242 Ha algumas semanas que as correspondencias da Beira-Alta nos-communicam a apparição de uma epidemía (á qual não dão nome) que começou a fazer estragos sensiveis, principalmente em *Cima-Côa*. Soubemos que na pequena cidade de *Pinhel* morreram d'aquella enfermidade mais de 100 pessoas, no curto espaço de 30 dias.

A sobredita epidemía tem lavrado muito, principalmente para o Oeste, e já em 20 Abril passado haviam sido d'ella atacadas varias pessoas de ambos os sexos, e de todas as condições, nas villas de *Trovões*, e da *Pesqueira*, e suas visinhanças. Nesta ultima villa o jóven Cirurgião *Teixeira*, alumno mui distincto da Eschola Medico-Cirurgica do *Porto*, tem applicado com fructo aos enfermos banhos muito quentes, bixas e sangrias, com o que conseguiu, que nenhum d'elles morresse até o dia 25 Abril, data das nossas ultimas cartas; nas quaes com tudo nos asseveram, que a mortandade progride em varias outras com terrivel fôrça; e que em *Pinhel* o número das mortes excede já a 170.

(Revolução de Setembro.)

UM ENIGMA PARA ANTIQUARIOS.

343 No largo, e á esquerda de S. Roque de Lisboa, defronte da porta da Misericordia, e não distante muitos pés d'onde fora a capella dos Passos, encontraram os obreiros, que ahi andam despejando e anediando terreiro para praça, uma casa, que ainda se não acabou de desentulhar; mas cujo contheudo já descoberto não deixa de suscitar curiosidade: do espaço d'esta casa não se-pode por ora fazer conta, conhecendo-se com tudo que era ampla: a sua face externa, isto é, a que olhava para o que hoje é rua pública, era guarnecida de boa cantaria lisa; a interna ainda a partes se-conhece haver sido rebocada e caiada; o pavimento, mais baixo uns dez ou onze palmos que o piso actual da rua, está calçado de pedra ordinaria; porta ou janella ainda se-lhe não descobriram: mas telhas, caliças e fragmentos de madeira completam a demonstração de haver sido casa.

Eis-aqui agora o principal que d'ella tem saído, e por onde alguma conjectura se-póde aventurar ácerca da profissão do seu morador: 76 ferraduras de diversos tamanhos, algumas das quaes inculcam seu uso: varias porções de corrente de ferro, e uma que, apesar de não ter mais de tres fusís, deita dois palmos avantajados; um martello, um puchavante, uma torquez, um ponteiro, uma chapa de ferro do comprimento de cinco palmos e largura de mão travessa, com duas grandes argolas nas extremidades, o que presumem, faria parte de manjadoura, mais duas argolas ainda com o chumbo que as ligava á pedra, uma bigorna com parte do cepo. Até aqui nada ha que pareça extraordinario, mas o simples aspecto de algumas d'aquellas ferraduras cria de repente aos olhos da imaginativa mais fria e preguiçosa um romance historico do mundo velho, digno de figurar distinctamente na archeologia zoologica de Mr. *Boitard*: á officiosa amisa-

de do Sr. *Francisco José Caldas Aulete*, curioso collector, e proprietario d'estes achados, devemos o têlos hoje em nosso poder.

E na verdade ferraduras, algumas das quaes têem enorme comprimento e largura, e ainda depois de tão carcomidas da ferrugem pesam arrateis, suppõem uma dimensão de casco, e proporcionalmente uma corpulencia de animal, que excedem prodigiosamente a todas as medidas de que em tal materia havemos noticia. Alguns ossos de cavallo, taes como canellas e dentes, que se-encontraram n'aquelle sítio, e por ignorante descuriosidade dos trabalhadores se-desbarataram, e perderam, pessoa que os-viu nos-affirma, que eram de marca descommunal; alguns dos trabalhadores os-compararam na grossura com os cabos das suas enchadas. Houve pois, segundo parece, em antigas eras aqui, onde hoje se-levantam um templo e casarías soberbas, um homem provavelmente gigante, ferrador de cavallos gigantes para cavalleiros tambem gigantes: o *retintim* da sua bigorna atroava as então selvaticas solidões dos sete montes, onde mais tarde se-veio assentar a nossa Lisboa. Moiros, godos, romanos, carthaginezes e phenicios são modernices, são coisas de hontem, comparadas com as da idade em que elle viveu. As arvores, que davam sombra diante de sua poisada, e cuja casta já tambem lá vai, deveriam, se ainda agora existissem, olhar para baixo e com lastima para o cume da torre de S. Roque, e uma só d'ellas cobrir ao meio dia com sua sombra desde o *Rato* até ao *Caes do Sodré*, e desde a *Estrella* até ao *Castello*. Mas em que lingua fallava este singular personagem com os freguezes que á sua tenda vinham? E para que jornadas ou guerras e com que trajes e armas cavalgavam estes? a que visavó do Deus *Endovellico* adorava? que ensino dava aos seus filhinhos, mais altos que os nossos homens altos de hoje? e em que historias, ou esperanças praticava, ao vasto lume dos espaçosos serões de inverno, com a descompassada companheira de sua trabalhosa e enfarruscada vida? eis-ahi o que ninguem saberá nunca. É o mundo um livro em que pouco mais se-conhece do que a pagina aberta: das innumeraveis que já lá ficam para traz, só por alguma ruptura que em suas folhas fazem o tempo ou o acaso se-chega a enxergar, e bem confusamente, alguma sillaba. Com uma desconsolação nos-consolemos d'isto, e seja o cuidar que tambem algum dia as coisas, que de nós resurgirem á flor da terra, poderão ser igualmente indecifravel enigma para os que então existirem, como hoje o-são para nós as dos tempos antediluvianos, e muitas menos apartadas.

Taes eram as nossas profundas phantasias, depois de manusearmos todos estes objectos, depois de havermos com pena sabido que alguns outros foram pelos trabalhadores sonegados e vendidos a curiosos, como certas moedas cunhadas, de que nem uma podémos haver á mão; depois, finalmente de havermos ido no dia 2 deste Maio á meia noite com as nossas lanternas na mão visitar devotamente aquelle jazigo do mundo velho; e meditar muitas tristezas no fundo daquelle fojo, sentados sobre algumas peças de silharia desmantellada.

O pobre fidalgo *Tressilian*, se já lestes o *Kenilworth* de Sir *Walter Scott*, e do Sr. *Ramalho*, não deveu de estar mais do que nós absorto e maravilhado, em quanto ao pé do espinheiro, no meio de um deserto, ouvia estar-se ferrando o seu cavallo pela mão do ferreiro misterioso e invisivel.

Aqui havia de findar o nosso artigo para que todos os jornaes da Europa á porfia o-transcrevessem, todos os sabios o-commentassem, e todas as academias propuzessem como assumpto de premio dobrado a sua explicação; mas o que logo depois descobrimos veio desfazer em grande parte as nossas visões poeticas. Entre as coisas encontradas nestas ruinas appareceram além de outras moedas, que já dissemos nos-foi impossivel conseguir, umas trinta das portuguezas de tres réis, que em sua antiguidade não excediam de seculo. Então nos-occorreu o grande terremoto de 1755, e o nome que ainda ao terreno proximo se-conserva de *pateo do patriarcha*. Esta casa podia portanto haver pertencido á vasta residencia do prelado da provincia: alguma bem lavrada cantaria que da terra tem saido, e por lá está arrimada contra a parede da Misericordia, confirma, ou pelo menos ajuda, esta presumpção: as grandes ferraduras seriam pois dos urcos que arrastavam o pesado e eminentissimo côche, ora ao paço ora á cathedral: entretanto, se é licito chicanar um poucochinho a probabilidade em favor da poesia, sempre diremos, que tão desmesurada grandeza de patas de urco ninguem até agora, por mais viajante que fosse, e por mais amplamente que do seu direito de viajante se-servisse, se-atreveu a affirmar-nos havêl-a encontrado em parte alguma.

Terça feira ao meio-dia. — Continuam de apparecer instrumentos de ferrador: mais uma bigorna; alguns centos de cravos encrustados uns com os outros; quatro ponteiros de atarracar ferraduras; duas torquezes; quatro puchavantes; uma grosa; outro martello; longos pedaços de cadêa grossa e forte, alguns dos quaes ainda se-alongam pela terra dentro contra a Misericordia, e um chumbado na calçada do pavimento; e um farpão de ferro com tres dentes, dos que se-usam para arrastar estrume. . . . . .

Uma hora e um quarto. — Neste momento acaba de morrer o nosso romance do mundo velho; appareceram quatro crâneos com as suas competentes ossadas; e no devido logar restos de solas de calçado: nada sáe das medidas ordinarias: — estas quatro pessoas, assim como a casa foram pois certamente victimas do terremoto: — nos fragmentos de vestido, que se-encontram juncto aos ossos, não ha já adivinhar a côr, nem conhecer a materia: — apparece uma pequena fivella redonda de calção; não se-distingue o metal, de que é feita; ao examinarem-n'a, desfaz-se. . . . . .

Uma hora e cincoenta minutos. — Pedaços de caveiras e alguns ossos cavallares, tudo de marca avultadissima.

Seis e meia — Para o lado da Misericordia uma serie de telhas enfileiradas: deve de ser telhado abatido por juncto e sem grande desconcerto: está apenas cinco para seis palmos superior ao pavimento.

Quarta feira ás nove horas da manhã. — Continuam a apparecer argolas chumbadas na calçada, e presas a algumas dellas pedaços de correntes; estas argolas são em duas fileiras, que distam uma da outra obra de tres passos; não sabemos se ainda hoje cá se usa de taes prisões para cavalgaduras; mas consta-nos que assim as têem nas admiraveis cavalhariças reaes de Hanover.

Onze e meia. — Arrancam algumas pedras da calçada, e excavam para baixo; apparece entulho: — estas ruinas já assentam provavelmente sobre outras ruinas. *Antonio Feliciano de Castilho.*

UM MAO ENCONTRO.

344 Caminhavam dois sujeitos do Concelho de Sanfins para o de Paiva demandando a freguezia de Fornos, aonde os-levava certo negocio de cobrança de dinheiro concertada para aquelle mesmo dia entre elles e os compradores d'uma porção de cortiça, que lhes-haviam vendido. Saltam-lhes ao encontro dois homens armados de grandes varapaos, e a tal ponto os-maltrataram de pancadas, que não poderam seguir mais seu caminho, e tiveram de pedir a alguem, que lhes-valesse em lance tão apertado. —

Parecerá talvez, que ávista do que todos os dias estamos vendo, e ouvindo, é este successo bem insignificante, e desprovido de novidade, para que nos-embaracemos em o-publicar: mas para nós em similhantes attentados não ha parvidade de materia, que nos-desobrigue de clamar com quanta força havemos. — Foi a aggressão feita bem de dia; eram tres horas da tarde; foram conhecidos os malfeitores; são informadas as authoridades; e já lá vão vinte dias, e tudo ficou em palavras — os criminosos andam soltos, livres, talvez ajustando nova empreitada, e passeando, como diz o nosso correspondente, nas barbas do Juiz Ordinario do Concelho. Se as authoridades assim continuam, iremos de mal a peior! Não se creiam com tudo seguros no favor que dão aos maos, imaginando que nada sáe do segredo dos seus Concelhos: por lá lhes-passa tambem a Revista, que por isso é Universal; nem esperem, que fará costas á sua negligencia, quando nella vai tamanho escandalo das leis, e tal desserviço á moral publica.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DE ABRIL.

345 Temperatura media das madrugadas 47,°7. Fah. (7°.¼R) — Dita nas horas de maior calor 62,6. (13½) Dita media do mez, 55°,1 (10¼) — Variação media da temperatura diaria, 15° (7.°) — Maior variação diaria, no dia 21, 23.° (10°.) — Maior frio a 5 do mez, 42.° (4½) — Maior calor a 28 do mez, 72.° (18.°) — Menor altura do Barometro a 12 do mez, 744,4 millimetros; maior no 1.°, 767,3 — Media do mez 755. — *Ventos dominantes* contados em meios dias, N,8 — NO,18 — O,10 — SO,13 — S,2 — NE,3 — E,1 — B,3 — V,2. — Dias claros, 1 — Claros e nuvens 9 — Cobertos e alguns claros 4 — Chuva ou chuviscos 13 — Nevoeiros matutinos 1 — Trovoada 1 — Dias ventosos 15 — de frio notavel 15 — A chuva recolhida em Lisboa, no decurso do mez, foi de 70 mill., equivalente a 21 almudes por braça quadrada, e por consequencia excedeu mais uma terça parte á que costuma cahir em um mez. — Em *Cintra*, no sitio da Trindade, avultou a 126 millim., ou quasi o duplo. — Decorreu por consequencia este mez, assás frio até 19, e com a temperatura igual á que se-experimenta n'este clima em um mez de Janeiro regular, conservando-se o ar extremamente seco, e por isso excitando sobre a pelle, uma sensação de frio mais viva. — Felizmente abrandou o seu rigor na 2.ª quadra, e só na 3.ª o ar humedeceu notavelmente, tornando-se tepido. Não obstante estas modificações, a sua temperatura media foi quasi quatro gráos inferior á normal, sendo sómente excedida pelo rigor de Abril de 1837, que ainda foi $2\frac{10}{3}$° mais frio.

Qualidades caracteristicas de um mez de Maio de regular andamento, deduzidas das antecedentes observações — Temperatura das madrugadas 54°,7 F. (10.°R). Dita nas horas quentes 70,5 (17.° ½), sendo por consequencia a variação diaria do calor de quasi 16.° (7½). A temperatura media do mez é de 62°,6 (13½), e apenas um gráo inferior á que se-experimenta em París no mez de Junho, e ainda superior de um gráo á themperatura de Agosto em S. Petersburgo. — O maior frio que apparece regularmente é de 48.° (7½), e o maior calor de 81.° (22.°); com tudo nos mezes excepcionaes, já vimos descer o termometro a 43.° (5.°), e o calor atingir 89.° (25½), extremos que appareceram reunidos em Maio de 1840. — A chuva regular sobe a 41 millim., ou 12 almudes por braça quadrada distribuida em 9 dias chuvosos. O numero dos dias de frio notavel não excede a 5, sendo igual o numero dos que apparecem de calor intenso.

As duas marés de aguas vivas, d'este mez, serão fracas, e assás inferiores á maré media regular.

M. M. Franzini.

346 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 27 ABRIL ATÉ 3 MAIO 1842.

Dias do mez	Termometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
27	59	70	759,0	759,1		1SO	Cob.° e poucos claros — Cob.° denso: tepido e humido.
28	59	72	59,0	56,9	4	1S2	Id. — Claro e depois coberto — Id.
29	55	68	55,6	55,6	7	SO 1O	Chuva branda até ás 10 m. — Cob.° — Id.
30	53	63	53,9	56,0		SO 2NO	Chuva serena até ás 8 m. — Cob.° e nuvens — Fresco de tarde.
1	50	63	59,5	59,5		NO2	Cl.° e nuv.s — Fresco.
2	52	64	60 0	60,0		1NO N	Cob.°, e curtos clarões — Id.
3	52	66	60,2	60,2		1NO2	Cl.° e alg.as nuvens — claro — muito fresco.

Terminou com o fim do mez a 3.ª quadra predominante, cahindo nos ultimos dois dias chuva serena e abundante, muito proveitosa aos campos, que em torno da capital offerecem bella vegetação, e dão fundadas esperanças aos lavradores: as searas estão prosperas, e já se-gosam abundantes colheitas das plantas leguminosas serôdias. As vinhas estão em bom desenvolvimento, assim como as arvores de fructa, cuja florescencia mais demorada não tinha tido tempo de se-desenvolver, e que por isso escapou aos estragos do insolito rigor do mez passado. *M. M. Franzini.*

Na Imprensa Nacional.